



ENTRE GÊNERO, FEMINISMO E UTOPIA: AS RECONFIGURAÇÕES DA MATERNIDADE EM “BLOODCHILD”, DE OCTAVIA BUTLER, E *WOMAN ON THE EDGE OF TIME*, DE MARGE PIERCY

Amanda Priscila Santos Prado¹

Imagens de esperança em oposição às faltas e necessidades não saciadas de classes específicas, grupos e indivíduos dos mais diversos contextos históricos. É assim que a utopia se opõe à noção de cultura sustentada pela ideologia dominante para negar determinado aspecto de um sistema social, forjando visões daquilo que “ainda não” se realizou (MOYLAN, 1986, p. 1).

Partindo de uma idéia de oposição, a utopia se difundiu por todo o mundo, tendo suas origens atribuídas à imagem da cidade projetada em *A República* de Platão, aos anseios e desejos populares ilustrados pela terra imaginária e farta da Cocanha, conhecida como São Saruê na versão brasileira, até *A Utopia*, de Thomas Morus, a partir de quando o termo passou a designar um novo gênero literário.

A partir do século XX ganham também destaque no terreno das utopias as narrativas de autoria feminina, dentre as quais podemos mencionar as de Marge Piercy, Ursula LeGuin, Joana Russ, entre outras. Suas utopias ficam conhecidas como críticas e se projetam a partir das lacunas existentes nos discursos patriarcais. Em paralelo, surgem também as chamadas distopias críticas, que Moylan (2000) denomina “sombras da utopia”, ou uma forma de utopia às avessas, categoria em que se destaca a escritora Octavia Butler.

Tendo em vista o contexto histórico apresentado acima, a discussão que aqui se insere está centrada na discussão e análise da forma pela qual narrativas de autoria feminina reconfiguram as noções de maternidade tradicionais a partir de posicionamentos alternativos.

Desconstruindo noções de maternidade

As ficções científicas de autoria feminina normalmente se configuram enquanto espaços privilegiados de divulgação de teorias críticas da cultura, destacando questões referentes a gênero e ciência e, mais especificamente no que tange a este estudo, às questões de maternidade.

¹ Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/FALE/UFAL) e bolsista de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL).



Uma revisão das questões de maternidade têm sido de grande interesse para o feminismo na contemporaneidade. No âmbito da literatura, essa revisão vem sendo estabelecida, principalmente, por meio de narrativas que apresentam sociedades alternativas de caráter utópico/distópico e que proporcionam uma leitura por meio da qual as noções de maternidade são (re)construídas nas lacunas dos discursos patriarcais.

Objeto de estudo de diversas áreas, a questão da maternidade foi, por muito tempo, compreendida a partir de pressupostos patriarcais, instituídos por questões mais relacionadas à cultura que à própria biologia. O entendimento da maternidade como realidade institucional e não instintual denota uma correlação entre constrictão e liberdade, por meio da qual o corpo feminino parece ser por natureza condenado à reprodução de vida (STEVENS, 2006). Em partes, isso se deve ao entendimento cultural de que a capacidade de procriar leva a uma necessidade orgânica de exercer a maternidade. Contudo, conforme já indicado por Butler (1987), o que se vem buscando ao longo dos anos é compreender o fazer-se mãe como uma prática opcional e não natural.

Ainda que culturalmente isso possa parecer uma fuga ao destino biológico do corpo feminino, entender maternidade como uma opção é um paradigma com o qual as obras de autoria feminina têm trabalhado brilhantemente em narrativas utópicas.

Segundo Rich (1979), o entendimento de maternidade como uma instituição política é o que contribuiu, ao longo dos anos, para a predominância do sujeito masculino no domínio e controle das questões ligadas a essa temática nas relações e na sociedade. Ainda que de forma reduzida nos últimos anos, é esse domínio exercido exclusivamente por homens – que renegam o aborto e o controle da natalidade, por exemplo –, que incide em um aprisionamento da mulher na natureza por meio da cultura, apartando dela as decisões sobre o próprio corpo.

Segundo Funck (1998), o fato de o feminismo compreender as questões de maternidade e dos aspectos tradicionalmente associados ao sujeito feminino como centro do debate acerca das questões de gênero pode contribuir para uma revisão das esferas das oposições binárias e do discurso patriarcal através de uma subversão de poderes.

A análise das narrativas que abordam essa temática corrobora as questões supracitadas ao apresentar formas alternativas de maternidade que poupam o corpo da mulher de seu “destino biológico”, o que incide numa “libertação” do sujeito feminino da natureza no terreno literário. Assim, tecnologias reprodutivas são (re)criadas nas narrativas do gênero utópico/distópico de modo a provocar um afastamento das questões da maternidade do sujeito feminino.



Com o exposto, observa-se, de modo geral, uma tendência na área dos Estudos de Gênero de se compreender maternidade não como o destino biológico ao qual está sujeita a figura feminina, mas como opção, vontade. É uma questão de poder – e não de dever – ser exercida em função da natureza.

A discussão que segue está centrada nas análises das representações da maternidade no conto “Bloodchild” (1984)², de Octavia Butler e o romance *Woman on the edge of time* (1976)³, de Marge Piercy, tecendo aproximações entre as ficções e as tendências críticas contemporâneas do pensamento político feminista no tocante às questões de gênero e maternidade.

A subversão de gênero e suas relações em “Bloodchild”

O conto “Bloodchild” (1984) faz parte da coletânea intitulada *Bloodchild and other stories* (1995), de Octavia Butler, e venceu os prêmios Nebula e Hugo de ficção científica no ano seguinte à sua publicação. A narrativa chama a atenção pela forma inovadora como a questão de gênero é tratada: as personagens são submetidas a uma inversão dos papéis que são normalmente atribuídos aos sujeitos masculino e feminino na literatura. Embora Butler seja bastante reconhecida no campo das ficções científicas por suas personagens de mulheres fortes e complexas, “Bloodchild” diferencia-se enquanto narrativa feminista por apresentar um protagonista que é um garoto vivendo dilemas que são típicos da experiência feminina no tocante às questões de maternidade.

A história se passa em um planeta extra-solar habitado por seres gigantes com particularidades dos artrópodes – os Tlic. Dotados de inteligência, assim como os humanos, os seres descritos no conto se reproduzem através de inserção de ovos em hospedeiros de sangue quente. Assim, as larvas passam por um processo de eclosão e, quando não retiradas a tempo, começam a se alimentar da carne do hospedeiro até conseguirem sair.

Quando os humanos chegaram ao planeta alienígena, havia notável desequilíbrio entre as populações das duas espécies – os humanos fugiam das guerras a procura de outros mundos e a população Tlic estava se reduzindo por falta de bons hospedeiros. Diante da situação em que ambos se encontravam, fez-se necessária a sujeição dos humanos à incumbência de hospedeiros de ovos de Tlic em prol da propagação de ambas as espécies, numa relação de simbiose. Cada família deveria, assim, fornecer um de seus membros para que hospedasse os ovos de um Tlic e, em troca, receberia apoio e proteção política naquela sociedade chamada *Preserve*.

² Ano referente à primeira publicação. A edição consultada foi a de 1995.

³ Ano referente à primeira publicação. A edição consultada foi a de 1983.



A inserção desses ovos em seres humanos torna-se, a partir de então, uma prática bastante comum uma vez que, antes da eclosão das larvas, há uma liberação de substâncias venosas na corrente sanguínea do hospedeiro, causando dores fortes. Essas dores possibilitam a remoção das larvas antes que estas comecem a consumir o hospedeiro.

Gan, personagem principal, havia sido prometido desde seu nascimento à T’Gatoi, uma importante mediadora das relações entre os humanos e os Tlic no planeta alienígena. As ações que se desenvolvem ao longo do conto começam com a visita de T’Gatoi à casa de Gan, que trazia à família dois ovos estéreis de sua irmã (apenas uma Tlic de cada gestação era fértil e, nesse caso, era T’Gatoi). Os ovos estéreis eram droga e medicamento, faziam com que os humanos ficassem descomedidos, relaxados, e, ao mesmo tempo, prolongavam suas vidas. A visita da alienígena provocou certa tensão entre a mãe de Gan (Lien) e T’Gatoi, de modo que ela, ao ser sedada com uma ferroadada da alienígena, chega a dizer que “nada pode comprá-lo [dela]”⁴, dando pistas sobre o destino biológico do protagonista.

A relação de T’Gatoi e Gan permanece amigável ao longo da história até o momento em que, ao testemunhar um nascimento de Tlic ocorrido às pressas, ele passa a repensar sua relação com a mediadora, que realiza em Bram Lomas – hospedeiro de uma Tlic que estava doente – o equivalente a uma cesárea, mas sem anestesia, devido às circunstâncias emergenciais.

No fragmento que segue, é possível notar como os procedimentos de corte e retirada das larvas são descritos com pavor e repulsa pelo protagonista:

O corpo dele se contorceu com o primeiro corte. Ele quase conseguiu escapar de mim. O som que ele fez... Eu nunca tinha ouvido tal som de algo humano. T’Gatoi parecia nem se importar, à medida que ela prolongava e aprofundava o corte, às vezes parando para lamber o sangue. Os seus vasos sanguíneos se contraíam, reagindo à química da saliva dela, e o sangramento diminuía.

Eu sentia como se a estivesse ajudando a torturá-lo, ajudando-a a consumi-lo. Eu sabia que vomitaria logo, não sabia por que ainda não o tinha feito. Eu não conseguiria esperar até que ela terminasse.⁵

Embora o conto apresente apenas homens como hospedeiros, a hospedagem também poderia ser feita em corpos femininos. O que ocorria, de fato, era uma preferência pelo sexo masculino para esta função, deixando as mulheres livres para que gerassem uma descendência da própria espécie que, por sua vez, lhes forneceria novos animais hospedeiros.

⁴ Original: “Nothing can buy him from me” (BUTLER, 1995, p. 7). Todas as traduções do inglês são de minha autoria, salvo os casos em que se encontram sinalizadas nas referências finais.

⁵ Original: “His body convulsed with the first cut. He almost tore himself away from me. The sound he made... I had never heard such sounds come from anything human. T’Gatoi seemed to pay no attention as she lengthened and deepened the cut, now and then pausing to lick away blood. His blood vessels contracted, reacting to the chemistry of her saliva, and the bleeding slowed.

I felt as though I were helping her torture him, helping her consume him. I knew I would vomit soon, didn’t know why I hadn’t already. I couldn’t possibly last until she was finished” (BUTLER, 1995, p.15).



A noção de gênero é moldada no conto a partir da necessidade de propagação de ambas as espécies, o que faz com que se estabeleça uma relação de simbiose entre os humanos e os seres Tlic. Essa relação simbiótica transforma a estrutura de poder e a política de gênero que envolve a maternidade no conto, fazendo com que homens enfrentem dilemas típicos da experiência e do papel biológico femininos.

A biologia, mais especificamente a genética, perpassa todo o conto enquanto propulsora do enredo, revelando as imbricações entre questões relativas ao prolongamento da espécie e os papéis invertidos de gênero na narrativa.

A estrutura da narrativa de Butler provoca uma desestabilização da lógica que compreende gênero a partir do binarismo homem/mulher por meio da instituição de uma política de gênero subversiva regendo as questões de maternidade na narrativa. Além disso, a sociedade Tlic é regida pelas leis do matriarcado, uma vez que os machos da espécie não atingem a fase adulta e, portanto, não têm grande importância socialmente. Ademais, a imagem de uma Tlic fêmea assumindo um papel de grande importância política corrobora a configuração de um sistema matriarcal⁶ no conto.

Além disso, o próprio título do conto, “Bloodchild”, que significa filho de sangue, sugere mais do que uma relação biológica natural entre os pais e a sua descendência, dizendo também respeito às relações entre os hospedeiros e as larvas, que se alimentam de seu sangue:

T’Gatoi encontrou uma larva que ainda estava comendo a casca de seu ovo. Os restos da casca ainda estavam presos a um vaso sanguíneo, através de seu pequeno tubo, ou gancho, ou o que quer que seja. Era assim que as larvas se ancoravam ao hospedeiro e se alimentavam. Sugavam apenas sangue até estarem prontas para deixar o ovo. Então comiam as cascas elásticas e flexíveis dos ovos. Depois elas comeriam o hospedeiro.⁷

Deste modo, Butler aproxima o discurso literário ao discurso da genética, ciência que se ocupa das leis de transmissão de características hereditárias dos seres vivos à sua descendência. Além disso, maternidade é reconfigurada no conto a partir da existência de seres humanos no papel de hospedeiros que são, conseqüentemente, dominados pelos seres alienígenas Tlic, detentores do poder político. A situação distópica à qual os humanos são submetidos em prol da sobrevivência e propagação da própria espécie tende a colocá-los num papel passivo nas relações interpessoais e afetivas, o que simboliza a forma como o patriarcado tende a relegar a mulher a um segundo plano das relações e decisões, principalmente no que diz respeito às questões da maternidade.

⁶ Os sistemas matriarcais, embora inexistentes em nossa sociedade na contemporaneidade, podem ser compreendidos como uma base lógica para uma nova ordem social que se configura a partir da presença de mulheres no controle de papéis políticos e econômicos (BAMBERGER, 1979).

⁷ Original: “T’Gatoi found a grub still eating its egg case. The remains of the case were still wired into a blood vessel by their own little tube or hook or whatever. That was the way the grubs were anchored and the way they fed. They took only blood until they were ready to emerge. Then they ate their stretched, elastic egg cases. Then they ate their hosts” (BUTLER, 1995, p. 17).



“Então todos nós nos tornamos mães”: *Woman on the edge of time e o paradigma da igualdade de gênero*

Woman on the edge of time (1976), de Marge Piercy, é um romance protagonizado por Consuelo Ramos (Connie), uma mulher que é internada como louca em um hospital para doenças mentais após agredir um homem para defender sua sobrinha. No hospital, Connie é tratada como cobaia de experiências médicas, e lá começa a se comunicar com Luciente, uma pessoa que vive em uma sociedade utópica do futuro chamada *Mattapoissett*.

O caráter utópico da narrativa de Piercy é, assim, sustentado pela noção de igualdade traçada pela sociedade de Luciente nas questões de gênero, apontando formas que vão além da maternidade convencional.

O reconhecimento de maternidade como opção – e não como destino biológico – é ilustrado no romance pela presença tanto de mulheres quanto de homens na maternagem, como se pode observar no fragmento:

Foi parte da longa revolução das mulheres. Quando estávamos quebrando todas as hierarquias do passado. Finalmente havia aquela coisa que nós também tínhamos que renunciar, o único poder que já tivemos, em troca de não termos mais poder para ninguém. A produção original: o poder de procriar. Pois uma vez que fomos biologicamente encarregadas, nunca seríamos iguais. E os homens nunca seriam humanizados para serem afetuosos e carinhosos. Então todos nós nos tornamos mães. Todo bebê possui três. Para quebrar o elo nuclear.⁸

Os homens de *Mattapoissett*, quando estimulados com hormônios, são, assim como as mulheres, capazes de amamentar e possuem os mesmos direitos e deveres no papel de mãe. A maternidade é exercida, assim, por três pessoas, sendo uma decisão ao mesmo tempo individual e coletiva e que, não podendo ocorrer ao acaso, remete à noção de controle de natalidade.

Além disso, a sociedade utópica de Luciente provoca um estranhamento através da quebra do vínculo entre maternidade e corpo:

“Esta é a chocadeira, onde nosso material genético é estocado. Onde os embriões crescem”.
As portas internas abriram, mas o espaço por dentro mais parecia um grande aquário do que um laboratório. O piso era de carpete em estampa azul e havia música, estranha para os ouvidos dela, mas não desagradável⁹

O romance apresenta o paradigma da igualdade, mundo equilibrado e sustentável no qual “úteros artificiais” – os imensos aquários descritos acima – são usados de modo que ninguém mais é

⁸ Original: “It was part of woman’s long revolution. When we were breaking all the old hierarchies. Finally there was that one thing we had to give up too, the only power we ever had, in return for no more power for anyone. The original production: the power to give birth. Cause as long as we were biologically enchained, we’d never be equal. And males never would be humanized to be loving and tender. So we all became mothers. Every child has three. To break the nuclear bonding”(PIERCY, 1983, p. 105).

⁹ Original: “[...] ‘This is the brooder, where our genetic material is stored. Where the embryos grow.’ The inner doors zipped open, but into space that looked more like a big aquarium than a lab. The floor was carpeted in a blue print and music was playing, strange to her ears but not unpleasant”. (PIERCY, 1983, p. 101)



capaz de procriar, mas tanto a figura feminina quanto a masculina exercem a maternidade e amamentam.

As condições maternas, as dores do parto e a amamentação são vistas por Connie, protagonista do romance, como positivas, como parte essencial da maternidade e, sobretudo, como uma forma de poder que diferencia as mulheres dos homens. Esse entendimento de maternidade como particularidade e destino biológico da mulher por parte da protagonista denota um pensamento do patriarcado; é a voz da figura do homem opressor e dominante nas relações que está presente nas palavras de Connie:

Como poderia saber o significado de ser mãe alguém que nunca carregou o peso de um bebê por nove meses sob o peito, aquele que nunca deu à luz uma criança com sangue e dor, aquele que nunca amamentou? [...] Tudo já pronto, uma criança enlatada, é só juntar dinheiro. O que eles sabem sobre maternidade? Ela os odiava, os insípidos monstros do futuro, nascidos de um frasco, nascidos sem dor, multicoloridos como uma ninhada de cachorros sem o estigma de raça ou sexo.¹⁰

O sangue, a dor, os nove meses que a criança passa na barriga da mãe e a amamentação são entendidos pela personagem como fatores positivos: fazem parte de um papel especial que só poderia ser representado pela mulher. Connie fica indignada, quando, por meio do futuro com o qual tem contato, descobre que esse “poder” é entregue aos homens.

A sociedade utópica de Luciente quebra, então, esse conceito de diferença em prol de uma sociedade igualitária, na qual não há poder diferenciado para homens e mulheres e a maternidade e a amamentação não são mais elementos associados apenas ao sujeito feminino. Além de romper os preconceitos que envolvem as questões de gênero, a forma de maternidade apresentada no romance – exercida por três pessoas independente do sexo –, se configura como um paradigma de igualdade cultural entre gêneros e, ainda que por natureza os corpos se configurem no dualismo homem/mulher, não há necessariamente uma imposição da heterossexualidade como forma padrão de sexualidade naquela sociedade.

O paradigma da igualdade entre gêneros se estabelece, assim, por meio de uma alternância do vínculo familiar e do exercício materno diferenciado, constituindo uma perspectiva utópica por meio da qual há um afastamento da mulher da biologia e, portanto, do seu aprisionamento na natureza por meio da negação de valores culturais estabelecidos pelo patriarcado.

Conforme já apontado por Funck (1998), o romance apresenta uma sociedade utópica do futuro que se sustenta como uma crítica feminista às relações de gênero contemporâneas. Assim, os

¹⁰ Original: “How could anyone know what being a mother means who has never carried a child nine months heavy under her heart, who has never borne a baby in blood and pain, who has never suckled a child. [...] All made up already, a canned child, just add money. What do they know of motherhood?” [...] She hated them, the bland bottleborn monsters of the future, born without pain, multicolored like a litter of puppies without the stigmata of race and sex”. (PIERCY, 1983, p. 106).



mundos do presente e do futuro são construídos na narrativa de tal modo que as aspirações humanas do mundo real (o do presente) são concebidas na sociedade utópica do futuro. O romance de Piercy quebra, assim, as relações assimétricas pela forma como se configuram as famílias.

Com a leitura do romance de Piercy é possível notar uma aproximação entre os conceitos de maternidade apontados por Rich (1979), Butler (1987), Funck (1998) e Stevens (2006) no que tange às questões de identidade materna enquanto construção social, provocando um equilíbrio nas relações de gênero através do afastamento do corpo da mulher do “destino” biológico da maternidade.

Algumas conclusões

Com o aparato das leituras empreendidas nos campos das utopias e distopias literárias, dos estudos literários, dos estudos de gênero e maternidade e das ciências sociais e biológicas, foi possível elaborar uma perspectiva de análise interdisciplinar.

As narrativas aqui estudadas se configuram enquanto espaços que quebram os padrões de poder que envolvem as questões de gênero e maternidade cristalizados pelo sistema patriarcal. A primeira através da disposição de uma sociedade matriarcal na qual o personagem principal é do sexo masculino e sofre dilemas e experiências normalmente atribuídas ao sujeito feminino; a segunda através da descrição de uma sociedade utópica na qual homens e mulheres podem exercer os mesmos papéis e possuem os mesmos direitos nas questões de maternidade.

No conto de Butler, a maternidade é mais vinculada a um papel biológico, pois o corpo do homem é usado para hospedar os ovos dos seres alienígenas, como uma espécie de mãe de aluguel. Na sociedade utópica descrita em *Woman on the edge of time*, no entanto, a maternidade está subjugada a um papel social, exercido por vontade própria dos indivíduos.

“Bloodchild” e *Woman on the edge of time* reconfiguram o papel materno, sobretudo, por meio de um afastamento do sujeito feminino da natureza, provocando uma reconstituição do papel do homem. O conto o faz através da configuração de uma sociedade alienígena matriarcal que confere poder às fêmeas de sua espécie e que submete o corpo humano masculino a uma maternidade biológica de caráter artificial. Por sua vez, a sociedade onde vive a protagonista do romance é patriarcal, no entanto, as viagens feitas mentalmente a sociedades utópicas do futuro proporcionam uma desestabilização da lógica que aprisiona o corpo da mulher à natureza e, assim, conferem novos papéis ao sujeito masculino, quebrando, no campo da ficção científica, paradigmas culturais que correlacionam a mulher à noção de um sujeito materno.



Notou-se, sobretudo, a influência dos campos discursivos da biologia e da genética enquanto propulsores do enredo e, através de seu entrecruzamento com os demais discursos que corroboram a análise, foram observadas convergências entre as categorias que envolvem questões relacionadas à biologia, representação de gênero e questões referentes a poder e identidade, moldando a política de gênero em decorrência da necessidade de propagação das espécies representadas no conto de Butler e dos paradigmas utópicos de igualdade construídos no romance de Piercy.

Para concluir, e em síntese ao que foi exposto acima, as leituras das ficções de Piercy e Butler apontam para noções de gênero e maternidade que vão além do que se tem sido culturalmente instituído em nossa sociedade pelos ditames patriarcais.

Bibliografia

- BAMBERGER, Joan. O mito do matriarcado: por que os homens dominam as sociedades primitivas? In: BAMBERGER, Joan (et al). *A mulher, a cultura e a Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABID, Sheyla; CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade: releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher*. Tradução: Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987.
- BUTLER, Octavia. “Bloodchild”. In: *Bloodchild and other stories*. New York/London: Four Walls Eight Windows, 1995.
- CAVALCANTI, Ildney. A distopia feminista contemporânea: um mito e uma figura. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (orgs.). *Refazendo nós*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.
- FUNCK, Susana Bornéo. Motherhood: visions and revisions. In: FUNCK, Susana Bornéo. *Feminist Literary Utopias*. Florianópolis: UFSC, 1998.
- MOYLAN, Tom. Introduction: the critical utopia. In: *Demand the impossible: Science Fiction and the utopian imagination*. New York: Methuen, 1986.
- MOYLAN, Tom. New Maps of Hell. In: *Scraps of the Untainted Sky*. Boulder: Westview Press, 2000.
- PIERCY, Marge. *Woman on the Edge of Time*. New York: Fawcett Crest, 1983.
- RICH, Adrienne. Motherhood in bondage (1976). In: *On lies, secrets and silence: selected prose 1966 – 1978*. London: W. W. Norton & Company, 1979.
- STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Maternidade e feminismo: diálogos na literatura inglesa. In: CAVALCANTI, Ildney (et al). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: Edufal, 2006.